19-11-2021

# SOBRE DESENCONTROS E REENCONTROS

## Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Queria ter uma letra harmônica para jogá-la desenhada no curso das linhas desta página.

Lindas são as letras que bailam sobre linhas, valsam piruetas precisas, saltitam pingos e acentos.

Pausam o tempo em pontos. .....

A dança da palavra: baile de mão, caneta e papel.

O som do silêncio é o ritmo para o vagar no salão da língua. Queria ter mais que garranchos estéticos. São ansiosas demais para saírem maquiadas e com cílios desenhados. Expulsas e raivosas pregam-se de qualquer jeito na folha oceano. Desconcerto que toma corpo. Diante das dores, as palavras tremem como as letras. Esganiçam medrosas.

Seria o amor um amedrontador de palavras?

Engasgar-se é ação que perde reação. A despedida engasga, engolir o presente e mastigá-lo como ação digestiva do passado traz uma acidez que rasga cordas vocais. Mãos e braços esticam-se naquele que não está, tentam abraçar o que se esvai.

É dolorido transformar o verbo ser do presente em pretérito perfeito. As palavras não saem, entalam-se na garganta. Bebemos o elixir das despedidas, o digestivo da alma: lágrimas. Elas saem das janelas do presente, os olhos, e escorrem à fenda que tudo devora: a boca. A boca quando fala evoca o passado, transforma-se tudo em tempo digerido.

Presentifica-o. E o que evoca é um instante ressuscitado. Existem os reencontros que engasgam, carregam o passado amargo e indigesto. A frases recuadas, secas e na reafirmação de si: vou muito bem. Tudo passa. A boca escancara-se para engolir o presente. Bebe-se lágrima e a dor enterra a palavra ainda viva. Sem forças, uma mãe perde o choro, tornando-o suspiro resmungado.

Assim bebe-se o xarope amargo do adeus.

O reencontro é ferida mal curada, um *revenir* do tempo. Veste-se armadura, protege-se o peito com escudo. .....

Elmos atrapalham a audição, enrijecem queixos, borram a visão por pequenas frestas de luz.

"Vou muito bem. Tudo passa".

Sem tato afeto, as mãos encolhem, fecham-se em si. Quase convulsivas dizem não ao outro.

O reencontro de uma partida sem despedida é um hiato das reticências. Necessita-se de um ponto final. A omissão da palavra gesta um rancor amargo; vento desértico que leva tudo ao pó.

Pausa para lágrima solitária, que é rapidamente enxugada pelas mãos.

"Estou muito bem. Tudo passa".

Engole-se o choro com água com gás, gelo e limão.

Os olhos, ainda encrustados no elmo, desviam do efetivo encontro. Os reencontros têm dessas sinas, os olhares observam a mesma matéria em tempos diferentes. Admira-se a árvore viva, tateia-se a madeira morta feita mesa. Ele esperança o horizonte; sonha. Ela busca na solidez da távola, o chão. A mão caminha ao encontro da outra e lixa as palavras farpadas com as digitais. O toque concede peso aos vocábulos. "Senti sua falta. As noites são solitárias. Vaguei nômade até encontrar uma cidade com seu nome". As palavras sulcam o hiato desértico. Falamos com a memória, assustamos pela presença ausente do vulto. A esperança move encontros. Esperança é a memória que deseja.

As despedidas, por mais dolorosas, acariciam o reencontro. Vi teu vulto sentado naquele banco.

Ele foi como você, partiu em silêncio.

Saudade, palavra andante entre a partida e chegada. Chico versou: Oh, metade afastada de mim/ Leva o teu olhar/ Que a saudade é o pior tormento/ É pior do que o esquecimento.

Mais um toque na mão, outra lágrima.

Uma longa lágrima. Agora, as mãos levam aos braços, nasce o ninho do afeto. Espera-se uma noite, que essa seja o formato mínimo do amor.

Afinal, estou bem. O cabelo está lindo.

Ele ainda passa mão tipo Fábio Jr.

Continua o mesmo metido de sempre. A voz invade, um colhe o outro nas palavras-sementes que caem dos galhos. Elas estão maduras. Os galhos do orgulho tremem, eram sóbrios quando seguravam a memória. Diante do presente, envergam dúvida.

Eu estava tão bem. ▪▪▪

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*